

Contribuições da Sociolinguística para o ensino da Fonética aplicada ao Canto

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Performance Musical

Luiz Ricardo Basso Ballesterio
Universidade de São Paulo
ballesterio@usp.br

Resumo. A partir de conceitos da Sociolinguística, o artigo discute a inclusão de variantes linguísticas no programa de uma disciplina de graduação de Fonética aplicada ao Canto. Visto que os manuais de Fonética aplicada ao Canto são majoritariamente baseados no padrão normativo, o trabalho apresenta recursos disponíveis para a incorporação de variantes na performance vocal de obras que possuam indicadores linguísticos distintos da norma linguística, com a intenção de contribuir para uma performance mais sensível às especificidades linguísticas. Nesse trabalho, a aplicação desses recursos possibilitou verificar com mais exatidão as diferenças fonéticas entre uma variante andaluz e o espanhol europeu normativo.

Palavras-chave. Performance vocal, Ensino, Fonética, Sociolinguística.

Contributions of Sociolinguistics to the teaching of Phonetics applied to Singing

Abstract. Based on sociolinguistic concepts, the article discusses the inclusion of linguistic variants in the curriculum of an undergraduate course in Phonetics applied to Singing. Phonetics manuals for singing typically adhere to the normative standard. However, this article explores resources for incorporating variants into vocal performances of pieces that feature linguistic markers deviating from the norm. This approach aims to foster performances that are more attuned to linguistic specificities. By applying these resources, the study accurately identified the phonetic differences between the Andalusian variant and normative European Spanish.

Keywords. Vocal performance, Teaching, Phonetics, Sociolinguistics.

Introdução

A oferta de disciplinas de dicção ou fonética no currículo de cursos técnicos e superiores de música evidencia a relevância das contribuições dessa área da linguística na formação profissional de cantores. Algumas das referências bibliográficas utilizadas nessas disciplinas (PORTER, 2017; TENGARRINHA, 2008; LABOUFF 2007; COLORNI, 1996; CASTEL, 1994; e GRUBB, 1979) consistem em manuais de Fonética que se baseiam em práticas consolidadas da performance do canto lírico.

De forma geral, esses trabalhos didáticos abordam os principais idiomas europeus, descrevendo os processos de articulação envolvidos na produção fonética de cada idioma. Como são destinados a leitores não nativos, os trabalhos concentram-se principalmente na descrição dos sons e dos processos de produção e transcrição fonética, assim como nos contextos em que eles ocorrem, com especial ênfase na apresentação das correspondências fonético-ortográficas.

Em razão de seu caráter pragmático, esses manuais¹ têm como referência o que se entende como o padrão normativo de cada idioma, o que pode induzir à ideia de que o conhecimento da língua padrão é suficiente para abordar todo o repertório vocal lírico. No entanto, especificamente no repertório de canção de câmara, a presença de características distintivas, não normativas, revela-se de modo explícito ou implícito no título e/ou subtítulo de obras em que uma localização geográfica é mencionada, em sua ortografia, revelando na escrita as especificidades da variante linguística que está sendo referenciada e no conteúdo léxico de textos populares, anônimos e recolhidos² (BALLESTERO, 2012).

Vale ressaltar que um segmento representativo do repertório vocal faz claras referências a grupos que são identificados por características geográficas e sociais próprias, apresentando variações léxicas e fonéticas no texto das canções. E é principalmente por isso, para possuir uma visão crítica sobre o tema e oferecer ferramentas práticas, que incluo em minha prática pedagógica noções sobre a questão das variantes linguísticas e como podemos ampliar as possibilidades interpretativas através dessa abordagem.

Assim, esse artigo discute a inclusão das variantes linguísticas no programa da disciplina de graduação Fonética Aplicada ao Canto do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), a partir de conceitos da Sociolinguística, demonstrando como a aplicação desse conhecimento pode contribuir para uma performance mais sensível às especificidades linguísticas de cada obra vocal.

Contribuições da Sociolinguística para o ensino da Fonética aplicada ao Canto

A Sociolinguística é um campo de conhecimento interdisciplinar que correlaciona aspectos linguísticos e sociais, tratando essencialmente dos empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2010, p. 9), como as variantes

¹ LaBouff (2007) e Castel (1996) são importantes exceções, pois contemplam algumas variantes do inglês norte-americano e do espanhol latino-americano, respectivamente.

² Nesse artigo publicado em Lisboa, o autor propõe que indicadores distintivos sirvam de justificativa para a incorporação da pronúncia não normativa na performance vocal.

linguísticas. A Sociolinguística investiga o grau de estabilidade e mutabilidade da variação e prevê seu comportamento regular e sistemático, tratando as variantes linguísticas com especial atenção. “A variação linguística constitui um fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes” (MOLLICA, 2010, p. 10).

Língua, dialeto, variante, modalidade e fala são vocábulos frequentemente utilizados para definir o status de um sistema linguístico. Para Alvar (1996a, p. 7), língua é um sistema linguístico caracterizado por “sua forte diferenciação, por possuir um alto grau de nivelção, por ser veículo de uma importante tradição literária e, em ocasiões, por ter se imposto a sistemas linguísticos de mesma origem” (ALVAR, 1996a, p. 12), e dialeto é “um sistema de signos desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta limitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação frente a outros de origem comum” (ALVAR, 1996a, p. 13).

Nota-se que a posição de Alvar (1996a) traz como critérios de definição o grau de nivelção e diferenciação, a delimitação geográfica, a tradição escrita e a coexistência paralela de sistemas linguísticos. Entende-se, pois, que o que define um sistema como língua ou dialeto não está circunscrito à esfera linguística. Por várias razões, sejam elas políticas, históricas, sociais, geográficas ou culturais, certas variantes se sobrepuseram a outros sistemas.

A adoção de um padrão normativo como uma única referência válida pode adotar visões preconceituosas: Pilar Mouton (1999) chega a hierarquizar os conceitos de língua e dialeto, colocando o segundo em posição inferior ao primeiro. A autora tenta justificar sua posição afirmando que essa hierarquia também é observada entre os próprios falantes, que enxergam dialeto como um termo carregado de conotações pejorativas, que implica em submissão, rusticidade e que se relaciona com a marginalização e o atraso (MOUTON, 1999, p. 8).

Se, como intérpretes, nos interessarmos pelas peculiaridades artísticas das obras, as características linguísticas distintivas serão tão significativas quanto as singularidades estilísticas musicais. A questão do *status* não deve se sobrepor à constatação da riqueza linguística das variantes, pois é a diferenciação que nos interessa, assim como é do interesse da Sociolinguística. Esse entendimento nos concede o direito (senão o dever) de nos aprofundarmos na pesquisa das variantes linguísticas presentes em obras vocais. Na disciplina, apresento esses conceitos, trazendo uma visão crítica, pois a total ausência da questão das variantes linguísticas no programa curricular pode impor limites à compreensão

do estudante em relação ao diversificado universo linguístico que compõe o repertório da canção de câmara, especificamente quando os textos das canções não se adequam às referências linguísticas normativas.

Matérias disponíveis sobre variantes linguísticas

Uma vez que os livros didáticos de fonética que tratam especificamente do canto lírico detêm-se exclusiva ou principalmente em práticas e/ou documentos normativos³, é necessário que o horizonte de referências seja ampliado, indo além dos manuais de Fonética aplicados ao Canto Lírico.

Ao longo do tempo, houve mudanças significativas nos objetivos e métodos dos estudos sobre língua padrão e suas variantes linguísticas. De qualquer forma, trabalhos que registraram variantes linguísticas brasileiras foram publicados há cem anos, apesar de que suas contribuições tenham sido ofuscadas pela propaganda dos trabalhos normativos no século XX, coincidentes com o aparecimento de estados nacionalistas. Curiosamente, o período anterior à primeira normatização do português brasileiro cantado (1938) nos forneceu obras pioneiras no estudo das variantes linguísticas do português brasileiro: o *Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral (1976, 1ª edição: 1920), *O Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes (1953, 1ª edição: 1922,.) e *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (2008, 1ª edição: 1934).

Além dos trabalhos históricos, mapas e trabalhos acadêmicos mais recentes⁴, dispomos de recursos de divulgação criados por pesquisadores, como o grupo de estudos “El español hablado en Andalucía e o Projeto ALiB (Projeto Atlas Linguístico do Brasil), que tem por um de seus objetivos oferecer subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil (PROJETO ALiB, 2024).

O caso da variante do andaluz

Pela relevância que as canções com textos não normativos possuem no repertório vocal espanhol, abordo o caso da variante do andaluz nas aulas e nesse artigo com a intenção de ilustrar as diferentes versões fonéticas que podem resultar a partir da transcrição fonética

³ Dos principais textos didáticos, Labouff (2007) e Castel (1994), respectivamente sobre o inglês e o espanhol cantado, abordam variantes linguísticas entre países que falam a mesma língua, mas não abordam as variantes linguísticas dentro de uma mesma nação.

⁴ As pesquisas recentes têm abordado os estudos das variantes segundo critérios quantitativos e abordam diversos aspectos da língua em função do falante (variantes espaciais, de classe social, de grupos de idade, de sexo e de gerações) e em função do ouvinte (variantes de grau de formalismo, de modalidade falada ou escrita e de sintonia, a partir de ajustamentos do emissor ao receptor) (RODRIGUES, 2002, p. 11-2).

comparativa do espanhol normativo e da variante específica. Para o desenvolvimento deste segmento de pesquisa, foi consultado o trabalho do grupo de estudos “El español hablado en Andalucía”, que investigou e classificou as características fonéticas mais e menos difundidas do andaluz dentro e fora da Andaluzia. Considerando os limites para um artigo como este, mostro os resultados parciais provenientes do cotejamento dos dados encontrados no site do grupo de estudos com as informações especificadas por Mouton (1999), Alvar (1996b), Castel (1994) e Zamora (1967).

O andaluz não é uma variante linguística homogênea. Contém alguns elementos distintivos mais abrangentes e outros mais pontuais, tanto na perspectiva geográfica quanto social. Certos traços fonéticos não são exclusivos dessa variante pois também são encontrados em outras áreas do território espanhol e na América Latina. Nas aulas, opto por dividir as características fonéticas do andaluz em duas partes, conforme a Tabela 1, para que a consulta e a conseqüente utilização das variantes possam se tornar mais acessíveis aos futuros intérpretes.

Tabela 1 – Fenômenos fonéticos distintivos gerais e regionais encontrados na Andaluzia⁵

Características fonéticas distintivas gerais (fenômenos mais difundidos em toda Andaluzia)	Características fonéticas distintivas regionais (fenômenos menos difundidos e geograficamente mais localizados)
1. Diversidade da pronúncia do /s/	1. Confusão entre /r/ e /l/
2. Distinção e igualação do /s/ e /z/	2. O <ch> afrouxado
3. Perda ou aspiração do /s/ final	3. Aspiração do /h/ inicial
4. Maior riqueza de timbre vocálico	4. Pronúncia palatal do /t/
5. Jota aspirada	
6. Igualação <ll> e <y>	
7. Perda do /d/ intervocálico	
8. Perda de consoantes finais	

Características fonéticas distintivas gerais

Os fenômenos mais difundidos em toda Andaluzia compõem um quadro distinto do normativo, mas não homogêneo. São recorrências fonéticas sistemáticas que aparecem em diversos pontos geográficos da Andaluzia. Para o presente artigo, selecionei cinco das oito

⁵ Seguindo convenções da área da Linguística, informações entre barras oblíquas refletem as propriedades fonológicas, aquelas que estão entre colchetes exibem a transcrição fonética e o que está entre os símbolos < e > indica a ortografia.

características fonéticas distintivas gerais (fenômenos mais difundidos em toda Andaluzia): a) distinção e igualação do /s/ e /z/; b) perda ou aspiração do /s/ final; c) maior riqueza de timbre vocálico; d) perda e modificação de consoantes em finais de sílaba ou palavra; e e) perda do /d/ intervocálico.

Distinção e igualação de /s/ e /z/

No espanhol normativo, /s/ sempre corresponde ao fonema [s], enquanto que o <c> antes de /e/ e /i/, e a letra <z> correspondem ao fonema [θ]. Esse fenômeno é chamado de *distinción*. Na Andaluzia, além da *distinción*, duas formas de igualação do /s/ e /z/ coexistem: o *seseo* e o *ceceo*.

O fenômeno do *seseo* ocorre quando /s/, /c/ e /z/ são igualmente pronunciados como [s]. Por exemplo: *casa* ['kasa], *Sevilla* [se'βidʒa], *Galicia* [ga'lisja] e *cazador* [kasa'ðor]. O *ceceo* ocorre quando não se faz a distinção entre /s/, /c/ e /z/, utilizando-se o fonema [θ] em vez de [s], como em *casa* ['kaθa], *Sevilla* [θe'βidʒa], *Galicia* [ga'liθja] e *cazador* [kaθa'ðor]. A diversidade da pronúncia do /s/, e suas implicações fonéticas, normativas, geográficas e sociais (como alvo de preconceito linguístico), pode ser mais claramente compreendida através da Tabela 2.

Tabela 2 – Classificação dos fenômenos da *distinción*, *seseo* e *ceceo* em relação à realização fonética, normatização, localização geográfica e preconceito linguístico.

Fenômeno	Fonética	Normativo	Localização	Alvo de preconceito
<i>Distinción</i>	<s>=[s]; <z>; <c> antes de <e> e <i>= [θ]	Sim	Jaén e Córdoba (região norte andaluz)	Não
<i>Seseo</i>	<s>=[s]; <z>; <c> antes de <e> e <i>= [s]	Não, apenas na América Latina	Sevilla, sul de Granada, sul de Córdoba (zona central andaluz)	Sim, especialmente fora da Andaluzia e da América Latina
<i>Ceceo</i>	<s>=[θ]; <z>; <c> antes de <e> e <i>= [θ]	Não, variante social e geográfica regional	Cádiz e Málaga (sul da Andaluzia)	Sim

Perda do /s/ final

Uma característica forte e marcante do andaluz, que se dá em praticamente todos os falantes, é que o /s/ no final de palavra ou de sílaba pode sofrer uma série de alterações fonéticas desde a aspiração até a perda total de sonoridade. Isso acontece porque as consoantes finais se pronunciam de maneira mais suave.

Maior riqueza de timbre vocálico

O espanhol normativo é caracterizado pela existência de cinco vogais, [a], [e], [i], [o] e [u], que não sofrem nenhuma alteração em seu timbre, mesmo se estiverem em sílabas átonas. Diferentemente disso, na variante dialetal andaluza, quando ocorre a aspiração do /s/ final, a vogal anterior a ela torna-se normalmente aberta e mais alongada. Exemplo: *dos pájaros* [dɔ^hˈpaħarɔ^h]. Quando se trata de um /s/ final absoluto não pronunciado, a vogal não se altera na Andaluzia ocidental [dɔ^hˈpaħaro] ou se torna aberta e alongada na Andaluzia oriental [dɔː^hˈpaħarɔː].

Em alguns casos, normalmente na Andaluzia oriental, a perda do /s/ final faz com que todas as vogais da palavra se tornem abertas, harmonizando as vogais. Esse fenômeno é chamado de metafonia. Exemplo: *dos tenedores* [dɔ^hˈtɛnɛˈðɔrɛ]. Na Andaluzia Oriental, há uma maior predominância de abertura vocálica do que na Andaluzia Ocidental.

Perda e modificação de consoantes em finais de sílaba ou palavra

O espanhol de maneira geral tende a pronunciar de maneira suave as consoantes finais, como /z/, /d/, /l/, /n/ e /r/. Como o andaluz tem a forte tendência a suavizar ainda mais os sons consonantais do espanhol, tais consoantes finais acabam desaparecendo. Exemplos: *verdad* [berˈða:], *feliz* [feˈli:], *encantador* [enkantaˈðo:], mas no normativo [berˈðað], [feˈliə] e [enkantaˈðɔr].

Nos casos de eliminação do /n/ final, a vogal anterior normalmente se torna nasal e fechada, principalmente se for um /o/, como em *cajón* [kaˈhõ] e *pasión* [paˈsjõ].

Perda da letra /d/ intervocálica

É uma característica generalizada em Andaluzia, e que se espalhou por toda a Espanha, a eliminação da /d/ intervocálica, em sufixos como /ado/, /odo/, /edo/, /ido/ e /ada/, alongando a vogal anterior. Exemplos: *cansado* [kanˈsa:o], *todo* [to:], *nada* [na:], *perdido* [perˈði:o], *comido* [koˈmi:o], *miedo* [mˈje:o] e *dedo* [ˈde:o]. No sufixo /dor/, como em *pulidor* e *corredor*, o /d/ é mais resistente, mas ainda assim apresenta casos de perda, como em

cantador [kanta'o:] e *bailador* [bajla'o:], palavras muito utilizadas no contexto cultural do *Flamenco*.

Considerações Finais

Abordando a inserção da questão das variantes linguísticas no programa de uma disciplina de graduação de Fonética aplicada ao Canto, o artigo apresentou conceitos da Sociolinguística que podem nos auxiliar a resolver questões específicas de performance em obras vocais com características linguísticas distintivas. Trouxe elementos para a construção de performances que sejam sensíveis a especificidades linguísticas da obra e de um pensamento crítico sobre o assunto, que pode ser extrapolado também para compreender melhor a diversidade linguística encontrada entre discentes e docentes em classe.

O artigo expôs a variedade de recursos disponíveis para a consulta de variantes linguísticas: trabalhos históricos, mapas linguísticos e *sites* de divulgação de grupos de pesquisa especializados em variantes linguísticas (Grupo de Investigación "El Español Hablado en Andalucía") ou no mapeamento da dialetologia de um país (Projeto ALiB). Esses recursos são fundamentais para a pesquisa de variantes linguísticas, visto que os manuais de Fonética aplicada ao Canto restringem-se a apresentar padrões normativos dos idiomas abordados.

O trabalho apontou algumas diferenças fonéticas encontradas a partir da utilização de recursos oriundos do campo de estudos sobre variantes linguísticas do Andaluz, o que possibilitou verificar diferenças significativas quando comparadas ao espanhol normativo.

Referências

ALVAR, Manuel. Que es un dialecto? In: ALVAR, Manuel (Org.). *Manual de dialectología hispánica: El Español de España*. Barcelona: Ariel, 1996a, p. 5-14.

ALVAR, Manuel. El andaluz. In: ALVAR, Manuel (Org.). *Manual de dialectología hispánica: El Español de España*. Barcelona: Ariel, 1996b, p. 233-258.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1976. 186 p. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7381>. Consultado em 01 dez. 2011.

BALLESTERO, Luiz Ricardo Basso. As variantes linguísticas no repertório vocal brasileiro: presença de elementos diferenciadores e recursos no preparo da interpretação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL A LÍNGUA PORTUGUESA EM MÚSICA, 2, 2012, Lisboa. *Anais...* Lisboa: Núcleo Caravelas, CESEM, FCSH, 2012, p. 205-213.

- CASTEL, Nico. *A singer's manual of Spanish lyric diction*. New York: Excalibur, 1994. 162.
- COLORNI, Evelina. *Singer's Italian: a manual of diction and phonetics*. Belmont: Schirmer, 1996. 157.
- GRUBB, Thomas. *Singing in French*. New York: Schirmer, 1979. 221.
- GRUPO DE INVESTIGACIÓN "EL ESPAÑOL HABLADO EN ANDALUCÍA. La pronunciación andaluza. Disponível em:
<http://grupo.us.es/ehandalucia/que_es_el_andaluz/03_la_pronunciacion_andaluza_ext.html>
. Acesso em: 25 mai. 2015.
- LABOUFF, Ka. *Singing and communicating in English*. New York: Oxford University Press, 2007. 326.
- MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. 4ª edição. Maceió: UFAL, 2008. 176.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In:*
MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (Org). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 9-14.
- MOUTON, P. G. *Lenguas y dialectos de España*. Madrid: Arco Libros, 1999. 64.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. 217.
- PORTER, M.D. *Singing in Brazilian Portuguese: a guide to lyric diction and vocal repertoire*. Lanham: Rowmann & Littlefield, 2017. 322.
- PROJETO ALIB. Atlas Linguístico Brasileiro. Disponível em
<<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>>. Consultado em 20/01/2012.
- TENGARRINHA, B.S. *Alemão para Cantores*. Estoril: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. 407.
- ZAMORA, A. *Dialectología española*. Madrid: Gredos, 1967.